

**PALAVRAS DE AMÓS:
EM DEFESA DO OPRIMIDO E PELA DIGNIDADE
DO NECESSITADO**

*Leandro Ortunes**

Resumo

Este artigo apresenta reflexões sobre a profecia de Amós. Descrevendo brevemente sobre a conjuntura política e econômica do governo de Jeroboão II, pretendemos discutir sobre o aumento da desigualdade social por meio do crescimento econômico da região. Com essa abordagem poderemos analisar os termos relacionados à pobreza presentes na profecia de Amós e compreender sua crítica em defesa dos que eram os mais fracos no sistema socioeconômico da época.

Palavras-chave: *Amós. Profecia. Fraco. Pobre. Justiça. Israel.*

Abstract

This paper presents some thoughts on the prophecy of Amos. Describing about the economic policy of Jeroboam, we intend to discuss the increase of social inequality through economic growth in the region. With this approach, we analyze the terms related to poverty present in the prophecy of Amos, and understand your criticism in defense of those who were weaker in the socioeconomic system of the age.

Keywords: *Amos. Prophecy. Weak. Poor. Justice. Israel.*

Introdução

Nesta edição da revista Estudos Bíblicos, que faz uma singela homenagem ao saudoso Frei Gorgulho, nada mais adequado do que refletirmos sobre a pro-

* Leandro Ortunes é professor universitário, pós-graduado em Ciências da Religião pela PUC-SP, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. E-mail: leandroortunes@uol.com.br

fecia. Não somente pelo fato da profecia ser um tema de estudo abordado pelo Frei Gorgulho, mas também por sua atuação e fala profética. Com os olhos para céu, pé no chão e Bíblia na mão, Frei Gorgulho incentivou a leitura bíblica em comunidade. Formou biblistas e difundiu seu conhecimento. Em um momento de grande instabilidade política no país, Frei Gorgulho não desistiu do seu chamado, certamente a leitura da Bíblia promoveu esperança nos momentos difíceis. Uma esperança muito concreta e com objetivos específicos, como o próprio Gorgulho retratou ao escrever sobre o livro de Jó. Ele nos conta sobre a esperança que nasce em meio ao sofrimento:

A esperança não é teoria vazia. Realiza-se na materialidade física e espiritual dos diversos sofrimentos. É a experiência concreta do sofrimento e da dor. Quando o sofrimento manifesta-se na sua força destruidora, a fraqueza humana torna-se mais evidente. A esperança é a força que nasce por dentro da própria fraqueza e limitação humanas para redescobrir o sentido do caminhar para um futuro novo¹.

É neste intuito que descreveremos sobre a profecia de Amós. A profecia que condena também traz esperança. Porém, antes de iniciarmos nossa reflexão, é necessário levar em conta a conjuntura política e religiosa que o povo de Israel viveu no século VIII aC.

Neste período temos a presença do Estado se contrapondo violentamente à lógica do campo. A centralização política e religiosa, somada ao desenvolvimento econômico da época, trouxe grande prosperidade para Israel; no entanto, isso não foi favorável ao povo como um todo. A desigualdade social se acentuava, por meio da exploração do trabalho e pesados tributos que sustentavam as elites da época. É no tempo de Jeroboão II (cf. Am 1,1), em meio a esse esplendor econômico marcado pela injustiça, que surge a voz de nosso profeta.

O luxo da época não era algo exclusivo das “Vacas de Basã” (Am 4,1). Podemos dizer que todos da elite engordavam, enquanto o homem do campo emagrecia. O modo de vida da elite é muito bem descrito em: “*Eles estão deitados em leitos de marfim, estendidos em seus divãs, comem cordeiros do rebanho e novilhos do curral improvisam ao som da harpa*” (Am 6,3-5). Jorge Pixley sintetiza estes problemas da seguinte forma:

Em Samaria havia luxo e despreocupações com miséria da maioria do povo (Am 6,1-7; 3,13-15; 4,1-3). Os comerciantes vendiam mercadorias ruins e caras, traficando assim com a necessidade do povo (Am 8,4-8; 2,6). Os anciãos não julgavam segundo o direito (Am 5,10-12.15). E tudo isto era

1. GORGULHO, Gilberto. Jó e o sofrimento dos pobres. In: *Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 13-16.

acompanhado de um culto entusiasta e aparentemente correto (Am 4,45; 5,21-24)².

Por este motivo a injustiça social é uma denúncia central na profecia de Amós. As tramas políticas e religiosas oprimiram o povo mais pobre. Claro que não podemos limitar esta acusação somente a estas duas esferas. Devemos mencionar que elites civis também eram agentes de exploração do pobre, maximizando a diferença socioeconômica entre pobres e ricos. Surge então a profecia de Amós, que faz severas críticas ao modelo socioeconômico e religioso da época. Em defesa do fraco e do pobre, a profecia de Amós também promovia esperança para os que esperavam em Javé, a salvação.

As injustiças em Israel

Haroldo Reimer destaca que no livro de Amós a corrupção era presente nas esferas do que conhecemos atualmente como direito público e privado³. Sendo no aspecto público as ações do poder estatal (cf. 2,7a) e no aspecto privado as relações econômicas (cf. 2,8a). Na esfera religiosa, Amós, em nome de Deus, afirma que os cultos e as festas de nada valem se a justiça não for aplicada. É uma forma de resgatar a imagem de Javé, o justo, seguido pelos antepassados, os quais elaboraram leis que garantiam uma sociedade justa e que defendia a vida: *“Afasta de mim o ruído de teus cantos, eu não posso ouvir o som de tuas harpas! Que o direito corra como a água e a justiça como rio caudaloso!”* (Am 5,23-24).

No âmbito da justiça, devemos compreender os mecanismos pelos quais ela funcionava. Em várias disputas ou possíveis infrações da lei o caso deveria ser levado à porta da cidade (Dt 15,17; 21,19; Rt 4,1,11). Era um local de julgamento das causas. Entretanto, na época da profecia de Amós, as leis não eram aplicadas devidamente. A porta, que era símbolo de justiça, passou a ser alvo de crítica do profeta. Os responsáveis pelo julgamento estavam envolvidos com a manutenção do poder das elites. Por isso, a lei era aplicada de acordo com a classe a que cada parte pertencia, gerando um sistema extremamente falho e injusto. Encontramos esta denúncia no seguinte trecho da profecia: *“Pois conheço vossos inúmeros delitos e vossos enormes pecados! Eles hostilizam o justo, aceitam suborno e repelem os indigentes à porta”* (Am 5,12).

A lei se tornou um veneno: *“Vós, porém, transformastes o direito em veneno e o fruto da justiça em absinto”* (Am 6,12b). Logo, não se trata de um abandono da lei, mas sim de uma aplicação inapropriada e totalmente parcial em favor dos interesses elitistas. Tentativas de justiça por parte de alguns ocorriam em

2. PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*, 1990, p. 52.

3. REIMER, Haroldo. *Amós, Profeta de Juicio y Justicia*, 2000.

certas ocasiões, fato que era condenado pelos poderosos: “*Eles odeiam aquele que repreende à porta e detestam aquele que fala com sinceridade*” (Am 5,10). As sentenças desfavoráveis aos pobres e aos justos eram constantes, como fica explícito no verso: “*Porque vendem o justo por dinheiro e o indigente por um par de sandálias*” (Am 2,6b).

Na porta, também ocorria a penhora de bens para pagamento das dívidas, gerando mais riqueza para a elite e pobreza para o pobre: “*Eles se estendem sobre vestes penhoradas ao lado de qualquer altar e bebem vinho daqueles que estão sujeitos a multas na casa de seu deus*” (Am 2,8).

Podemos imaginar também os grandes centros urbanos da época, onde o comércio se tornou um local de grandes tramas exploratórias com base no próprio ato de comprar e vender. As balanças falsificavam o verdadeiro peso, promovendo lucro ao seu dono: o comerciante. O camponês, que vendia sua produção ao comércio, e os que compravam a produção, por intermédio do comerciante, sofriam grande prejuízo. A crítica vai direta contra a ganância pelo lucro presente no mercado.

Ouvi isto, vós que esmagais o indigente e quereis eliminar os pobres da terra, vós que dizeis: “quando passará a lua nova para que possamos vender o grão e o sábado para que possamos vender o trigo, para diminuirmos o eflá, aumentarmos o siclo e falsificarmos as balanças enganadoras?” (Am 8,4-6).

Em resumo, podemos destacar uma lista dos crimes⁴ contra o povo presente no núcleo de Amós (cf. 2,6b-8):

- v. 6b: vender o justo por dinheiro / *mikram bakkeseef saddîq we'ebyôn ba'abûr na'alayim*
- v. 7a: violência física contra os fracos / *hašo'afîm bero'sh dallîm*
- v. 7a: distorção do direito nas portas / *derek 'anawîm yaṭṭû*
- v. 7b: exploração sexual de mulheres / *yelekû 'el hanna'arah*
- v. 8a: hipoteca por causa da ambição / *'al begadîm habulîm yaṭṭû*
- v. 8b: consumo do tributo dos camponeses / *yên 'anûshîm yishtû*.

Outro ponto que devemos destacar é a imagem da mulher. Em Amós (2,7) temos indícios de que as ações do Estado acabaram por destruir os laços familiares, promovendo um ambiente de prostituição:

Nos personagens de uma criança e seu pai, Amós acusa Israel de agir rebeldemente, mesmo dentro da família. A vítima dessas duas pessoas é uma jovem garota. Pai e filho a humilham, mantendo relações sexuais com ela (tradução nossa)⁵.

4. REIMER, Haroldo, *op. cit.*, 2000.

5. ARANGO, José R. *Opresión y Profanación del Santo Nombre de Dios*, 1992, p. 61.

Embora a frase “*um homem e seu pai vão à mesma jovem para profanar o meu santo nome*” seja passível de várias significações⁶; explicitamente temos indícios de que a violência sexual contra as mulheres era algo muito presente na sociedade. Podemos até partir do ponto em que os senhores (pai e filho) se utilizavam de uma mesma escrava ou de uma mesma jovem para sua satisfação sexual. Esta análise é possível devido ao verso (v. 6b) que foca no processo de escravização: “*porque vendem o justo por prata e o indigente por um par de sandálias*”. Na sequência (v. 7), é apontado o destino da escrava. Independente das interpretações, vemos que o corpo da mulher era violado devido à conjuntura socioeconômica da época.

A figura da mulher pobre se contrapõe à busca por luxo por parte de outro tipo de mulher: as mulheres da elite. Enquanto a prostituição poderia ser a única alternativa de sustento para algumas mulheres, por outro lado, as “*Vacas de Basã*” se deleitavam em luxo, conforto e prestígio. O profeta Amós nitidamente percebe a alienação que a riqueza provocou nestas mulheres a ponto de chamá-las de “*Suas Vacas Gordas*”: “*Ouvi esta palavra, vós, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, que oprimis os fracos, esmagais os indigentes e dizeis aos vossos maridos: trazei-nos o que beber*” (Am 4,1).

Importante ressaltar que Amós, ao utilizar o termo “*vacas*” para algumas mulheres, não quer usar o mesmo de forma pejorativa como atualmente no contexto brasileiro. Mas quer demonstrar que as mesmas engordam com base na espoliação do pobre, ou que seu peso oprime/esmaga o pobre⁷. O profeta rotula os maridos destas mulheres como seus senhores e, de forma irônica, insinua que os mesmos são obrigados a sustentar o luxo de suas esposas.

Esse era o cenário da sociedade de Israel, certamente, a sociedade estava em crise. Os laços familiares quebrados ao ponto do povo de Israel ser agora outro povo, não mais o povo de Javé.

O povo camponês de Israel era pisado (Am 2,7a), estuprado (2,7b), aterrizado (Am 3,9), esmagado (Am 4,1), destruído (Am 8,4) pela tributação estatal. Através de seus quarenta e um nós de bem-sucedidas conquistas, Jeroboão II transformou pessoas em não gente. Amós fala à luz desse reverso da história⁸.

6. Há divergências sobre a segunda parte do verso 7 “para profanar meu Santo nome”. Segundo Milton Schwantes esta frase é uma releitura tardia inserida em uma denúncia anterior de escravidão e violência sexual. No entanto, na versão BJ encontramos um posicionamento que defende a ideia de que esta frase releva a prostituição sagrada (prostitutas para o culto). O problema deste posicionamento é que todo o conteúdo do livro de Amós, de fato, não enfatiza a religião. Nesta passagem, também não encontramos nenhum aspecto religioso. Por isso, partimos da ideia defendida por Schwantes.

7. SILVA, Adriana. *Amós: um profeta politicamente incorreto*, 2001, p. 59.

8. SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras*, 2004, p. 24.

Devemos também destacar o peso que o tributo teve sobre os laços familiares. A cidade é tributária. O rei precisa de renda para manter sua burocracia estatal e seu exército. Na época de Amós, tributos e filhos eram elementos fundamentais para que o reino de Israel sobrevivesse em meio às potências internacionais. Para que o Estado não sofresse uma revolta popular contra o tributo como já havia acontecido (cf. 1Rs 12,18), certamente a força do exército se fez mais presente na sociedade. O Estado se apoderando do exército e da religião conseguiu legitimar sua pesada arrecadação e adentrando cada vez mais no ambiente familiar. Os filhos eram do Estado, a produção era do Estado:

A presença do Estado na família, especialmente através de suas principais forças de coerção, o exército e a religião, foi tão forte que mascarava a realidade de que o trabalho pesado foi feito para o povo, para as famílias e que eles achavam que a concessão do Estado não era nada, mas as migalhas que a eles foram devolvidas. A maior parte do produto colhido foi pago a título de tributo (tradução nossa)⁹.

Analisando estas injustiças e pesada tributação, concluímos que não houve outra consequência a não ser o aumento no número de pessoas pobres. Um sinal claro de que o projeto de Deus não era mais aplicado.

Entre os ricos e mendigos: Aí estão os pobres

Como descrevemos anteriormente, no período em que Amós profetizou, o foco da denúncia estava no empobrecimento da população trabalhadora. Por isso, é importante destacar alguns termos utilizados no Antigo Testamento. Destacaremos os termos *'anî / dal / 'ebyôn* para complementar nossa análise sobre o conceito de pobreza¹⁰. Descobriremos, então, quem são os pobres¹¹.

O termo *'anî* (que é traduzido por pobre, oprimido, humilde ou modesto) tem em sua raiz o ato de inclinar-se, ou seja, ser submetido ou inferior. Podemos dizer que ele é o pobre que ainda conseguia se sustentar, mas corria grande risco de tudo perder, devido ao peso do tributo e do comércio desleal. O termo *dal* ou *dallîm* (plural) é mais presente nos livros proféticos e sapienciais. Sua tradução geralmente é feita por pobre, magro, necessitado ou fraco. O próprio termo magro já nos indica que se trata de uma pobreza maior que o *'anî*. O *dal* é o camponês que já perdeu suas garantias de vida, sua herança e sua produção.

9. SAMPAIO, Tânia Mara. *La Desmilitarización y el Rescate de la Dignidad de la vida en Oseas*, 1991, p. 87.

10. SILVA, Rafael Rodrigues da. *Povertà*. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo e RAVASI, Gianfranco (org.). *Temi Teologici della Bibbia*. Milano - Italia: Edizioni San Paolo, 2010, p. 1061-1068.

11. SCHWANTES, Milton, op. cit., 2004, p. 90.

Por último, o *'ebyôn*, traduzido por necessitado, carente, pobre ou indigente, e mais utilizado no livro de Amós, refere-se aos que têm necessidade. O *'ebyôn* é aquele que já perdeu tudo o que possuía, a família e a propriedade. Até mesmo a justiça na porta já não garantiria seus direitos. São os totalmente marginais da sociedade. Estão no mais baixo patamar de pobreza:

Esses três termos são, em Amós, os mais importantes para designar as pessoas e os grupos, em defesa dos quais vai sua profecia: pobres, fracos/magros e oprimidos¹².

Realizada esta devida observação referente ao termo “pobreza”, analisaremos algumas frases presentes no livro de Amós. Conforme destaca Milton Schwantes, a profecia de Amós não retrata exclusivamente a injustiça com mendigos, viúvas, estrangeiros ou órfãos. Isso devido à insignificância destes personagens para a economia da época. Certamente, nenhum papel eles desempenhavam na sociedade e não podiam sustentar a produção ou riqueza de outros. As falas proféticas também não se referem ao escravo em si, mas focam no processo de escravização. A fala profética desvela um massacre social dos que estão na classe entre a miséria e o conforto. Ela fala sobre os pobres que se esforçam para produzir, mas todo esforço era absorvido pelo tributo e pela balança enganadora.

Encontramos o termo *'ebyôn* nas seguintes passagens: “*venderam o necessitado ('ebyôn) por um par de sandálias*”¹³ (2,6) e “*rejeitam os necessitados ('ebyôn) no portão*” (5,12). Com isso, percebemos que os necessitados ainda possuíam a esperança de salvarem sua terra, sua propriedade, sua família ou até mesmo sua liberdade se recorressem ao direito da porta. Contudo, as condições dos necessitados (*'ebyôn*) eram tão desfavoráveis que nada conseguiriam em seu favor.

Encontramos os termos *dal* ou *dallîm* em conjunto com o termo *'anî*, o que reforça nosso pensamento a respeito das diferenças dos três termos apresentados¹⁴. Isoladamente, o termo *dal* está em uma passagem que demonstra que estes eram produtores: “*Porque oprimis o fraco (dal) e tomais dele um imposto de trigo*” (5,11). Uma vez que o imposto estava sujeito ao fraco, entendemos que parte de sua produção ainda lhe pertencia. Mas grande parte era tomada, deixando-o “fraco” ou “magro” economicamente.

O termo *'anî* encontraremos no plural *'anawîm*, em conjunto com outros termos. No dito que revela o processo de escravização encontramos a correlação

12. SCHWANTES, Milton, op. cit., 2004, p. 88.

13. O simbolismo da venda do necessitado por um par de sandálias vai além de seu valor específico. A sandália também era um símbolo de garantia de pacto (Rt 4,7-8).

14. O *'anî* e o *dal* são os oprimidos no geral, embora um deles – o *dal* – já estava “magro” de tanto roubo. Por fim, o *'ebyôn* já se encontra em pior condição, restando-lhe apenas a tentativa de obter justiça através do direito.

destes termos: *“Porque vendem o justo por dinheiro e o necessitado/indigente (’ebyôn) por um par de sandálias. Eles esmagam sobre o pó a cabeça dos fracos/magros (dallîm) e tornam torto o caminho dos oprimidos (’anawîm)”* (2,7). O indigente era vendido na porta como escravo. O fraco era massacrado/humilhado pelas elites. O oprimido, talvez como forma de sobrevivência, entrava no jogo da injustiça (balanças falsas) que era presente nos mercados da época.

Em outra frase, encontramos indícios da opressão ao camponês que ainda produzia algo e o aniquilamento daqueles que já não produziam: *“Ouvi isto, vós que pisais sobre o necessitado/indigente (’ebyôn) e quereis destruir os oprimidos (’anawîm) da terra”* (8,4). Percebemos nitidamente a diferença das posições sociais entre ’ebyôn e ’anawîm.

Na passagem sobre as vacas de Basã encontramos a sutileza da crítica ao compreendermos os termos. Basã, que pode ser traduzido por “gordura”, contrapõe ao magro (dallîm): *“Ouvi isso vacas gordas que estão sobre o monte de Samaria, que oprimem os magros e esmagam os indigentes”* (4,1). Podemos concluir que a gordura da elite de Samaria (seja ela econômica e/ou literal) era alcançada através da magreza do pobre e pela rejeição dos indigentes¹⁵.

Após a quarta visão do livro de Amós, encontramos a segunda citação do dito: *“vender o fraco por dinheiro e o indigente/pobre por um par de sandálias”* (8,6)¹⁶. Porém, esse dito é elaborado na visão do comerciante e ocorre a troca do termo justo (şaddiq) por fraco (dallîm): *“Quando compraremos o fraco (dallîm) por dinheiro e o indigente (’ebyôn) por um par sandálias?”* A ênfase desta frase deixa nítida a insatisfação do profeta e do povo com tamanha injustiça.

Com isso, percebemos que o livro de Amós proporciona uma grande reflexão sobre a forma de organização religiosa, política e social da época em que viveu. E não somente isso. A mensagem certamente foi ao encontro daqueles que a memorizaram e nestas palavras se apoiaram na esperança de dias melhores.

A profecia é condenação para os que dominam e libertação para os oprimidos. Há várias citações da memória do êxodo no livro de Amós. E, independentemente de estas citações serem palavras do profeta ou acréscimos posteriores, sua intenção é única: *“trazer à memória aquilo que dá esperança”* (Lm 3,21). Conforme Milton Schwantes propõe, as visões de Amós são na verdade uma utopia do povo sofrido:

Esse é o contexto das cinco visões. Nelas, Amós é a voz do campo. É a utopia de quem trabalha e produz. É a defesa de quem enfrenta gafanhotos

15. Não havia mais necessidade de partilha dos bens com os marginais da sociedade, conforme a antiga tradição. Isso proporciona também um excedente econômico para as elites.

16. Primeira citação ocorre em Am 2,6. Talvez seja uma interpolação da frase de Amós inserida dentro de um texto proveniente de uma releitura.

e secas para depois ser ceifado pelo rei, pelo sacerdote, pelo Estado e pelo templo. Portanto, uma leitura sociológica das visões fornece-nos o sentido do texto em conexão com as lutas reais, travadas em uma sociedade tributarista¹⁷.

Considerações finais

Parte da estrutura profética é elaborada da seguinte forma: acusação, castigo e salvação. Por este motivo, não podemos deixar de mencionar o aspecto salvífico da profecia. O livro de Amós, que por diversas vezes utilizou as palavras “sacudir”, “estremecer”, “derrubar”, agora toma as palavras “repararei”, “levantarei” e “reconstruirei” (cf. 9,11-15).

Tempos de esperança presentes nestes textos forneceram forças para os pobres e os oprimidos da época. Certamente, eles abraçaram as palavras que ouviram como uma forma de resistência contra esta opressão. Com sabedoria, fé e memória, este mesmo povo foi capaz de preservar tais textos e complementá-los para formarem uma resistência pacífica, certo de que, um dia, este reinado cairia.

O cenário de prostituição presente na profecia de Amós (7,17) será retomado de forma alegórica na profecia de Oseias. E sobre este profeta Ana Flora e Frei Gorgulho comentam que em meio ao símbolo da prostituição é que se revela o perdão de Deus:

O amor de Deus liberta e refaz a vida de seu povo. A imagem da prostituição serve para revelar a força do perdão libertador de Deus. Deus vem na história de seu povo para refazer-lhe a vida na liberdade e na solidariedade. A presença de Deus, na força do amor, acontece no processo histórico da práxis popular! A história da libertação é o critério para distinguir a presença de Baal e a presença de Iaweh, que ama o povo como um pai ama seu filho¹⁸.

Por outro lado, as classes que exploravam o povo de Javé, e que se esqueceram de seus mandamentos, não suportariam a voz do profeta ao ponto de dizer: *“A terra não pode suportar suas palavras”* (7,10b).

Assim concluímos este breve esboço sobre a profecia de Amós, e percebemos quão rico é o texto em argumentos e poesia. Um texto que é sempre atual, pois constantemente estamos diante de injustiças e da pobreza. Cabe a nós continuarmos na leitura em comunidade, e, assim como Frei Gorgulho, motivarmos

17. SCHWANTES, Milton, op. cit., 2004, p. 199.

18. ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Frei Gilberto. Parábolas: a palavra que liberta. São Paulo (manuscrito): 1989, p. 43.

através da Bíblia esperança aos corações daqueles que em Deus aguardam dias melhores.

Bibliografia

ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Frei Gilberto. *Parábolas: a palavra que liberta*. São Paulo (manuscrito): 1989.

ARANGO, José Roberto. Opresión y Profanación del Santo Nombre de Dios. Santiago de Chile: *Revista de Interpretación bíblica Latinoamericana*, n.11, p. 49-63, 1992.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILO, Ivo (Coordenadores.). São Paulo: Paulus, 2002.

CIORAN, Emile M. *Breviário de decomposição*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 113-114, 1989.

CROATTO, José Severino. Violencia y Desmesura del Poder. San José, Costa Rica: *Revista de Interpretación bíblica Latinoamericana*, n. 2, p. 9-18, 1988.

DREHER, Carlos. Resistência popular nos primórdios da monarquia israelita. Buenos Aires: *Revista de Interpretación bíblica Latinoamericana*, n. 32, 1999.

GALLAZZI, Sandro. Celebramos Las justicias de Yavé. San José, Costa Rica: *Revista de Interpretación bíblica Latinoamericana*, n. 2, p. 19-31, 1988.

MOSCONI, Luís. *Profetas da Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, 1992.

PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1990.

REIMER, Haroldo. *Agentes e mecanismos de opressão e exploração em Amós*. Petrópolis: *Revista de Interpretação bíblica latino-americana*, n. 12, p. 51-60, 1992.

REIMER, Haroldo. Amós – profeta de juízo e justiça. Petrópolis: *Revista de Interpretação bíblica latino-americana*, n. 35-36, p. 171-190, 2000.

REIMER, Haroldo. *Juízo, misericórdia, conversão. Encontros sobre o livro de Oseias*. São Leopoldo: Cebi, 2005.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. A desmilitarização e o resgate da dignidade da vida em Oseias. Petrópolis: *Revista de Interpretação bíblica latino-americana*, n. 8, p. 70-81, 1991.

SAMPAIO, Tânia Mara. *Movimentos do Corpo Prostituído da Mulher. Aproximações da profecia atribuída a Oseias*. São Paulo: Loyola, 1999.

SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno (visões em Amós 7–9). Petrópolis: *Revista de Interpretação bíblica latino-americana*, n. 1, p. 81-92, 1988.

SICRE DIAZ, José Luís. *Profetismo em Israel: O Profeta, os Profetas, a Mensagem*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SICRE DIAZ, José Luís; SCHÖKEL, Luís Alonso. *Profetas II – Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2011.

SILVA, Adriana. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2001.

SILVA, Rafael Rodrigues da. *Desvelando os Enigmas da Bíblia: Os Dez Mandamentos*. São Paulo: Paulus, 2010. DVD. 45min.

SILVA, Rafael Rodrigues da. Povertà. In: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo e RAVASI, Gianfranco (org.). *Temi Teologici della Bibbia*. Milano - Italia: Edizioni San Paolo, 2010, p. 1061-1068.

Leandro Ortunes
leandroortunes@uol.com.br